



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 56-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhoba-Lisboa — Telefone 5339 O.
Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Os "Dominions"

A Austrália e o Canadá

A política dos governantes britânicos pouca influência tem nos negócios internos e mesmo externos destes "Dominions". Eles são realmente autónomos, independentes da mãe-pátria. Na verdade é a sua política que rege contra a política exterior da Grã-Bretanha. O "Commonwealth" da Austrália, isto é, a federação dos Estados da Austrália, é uma verdadeira república livre, pondo a dizer-se o mesmo da Nova Zelândia. O governador britânico é apenas o símbolo da mãe-pátria. Não tem nenhuma autoridade governamental. Estes "Dominions" possuem até um exército, uma frota de guerra e colónias, propriamente dizes. Tem um regime avançado por eles afilhado. Se os produtos da metrópole gozam de vantagens alfandegárias, é só na medida em que os "Dominions" lhes encontram benefício. Em resumo, são de todo em todo Estados independentes, soberanos. Concluem até, mais ou menos abertamente, alianças ou entendimentos com países estrangeiros, como por exemplo o Canadá com os Estados- Unidos e o propósito dos seus portos.

Entre australianos, neo-zelandeses e britânicos não há atritos, como há entre canadenses e britânicos. No Canadá, vêmo-nos em presença de povos que apresentam diferenças de origem, de língua e de religião, pois que há franceses católicos e britânicos protestantes, exceptuados todavia os irlandeses católicos. Os canadenses franceses ou, para falar como no Canadá, os canadenses, recordam-se ainda da época, há aliada, em que o governo britânico os tinha mais ou menos avassalados. A Igreja católica e especialmente os jesuítas, muito influentes ali, tinham a palavra. A Igreja católica clerical anti-britânica, por ser anti-protestante. No entanto, esta acção clerical anti-britânica não pode conduzir a uma secessão do Canadá do Império Britânico. Com efeito, se, por um lado, o "Dominion" do Canadá é absolutamente autónomo e independente, por outro lado, o "Canadá ocidental", isto é, a British Columbia, a Alberta, o Saskatchewan e o Manitoba tem uma população composta sobretudo de britânicos e de alemães. Esta população vai crescendo, e, por conseguinte, no Parlamento Federal aumenta a sua influência, alterando a força relativa das duas facções históricas: britânicos e canadenses.

Resulta destas condições que o "Dominion" do Canadá não tem interesse algum em romper o laço, aliás muito fraco, que o une ao Império Britânico. A situação é idêntica para os "Dominions" da Austrália. Cada um destes é verdadeiramente uma federação de pequenas repúblicas livres e autónomas. A sua incorporação no Império mudou de forma no decurso da guerra mundial. Em atenção a estes factos, o Império, centralizado em proveito dos capitalistas senhores do governo britânico, deixou realmente de existir, se bem que a Federação mundial britânica não tenha ainda estatutos escritos.

A África do Sul

Só muito recentemente — há menos de 20 anos — é que as colónias britânicas sul-africanas foram erigidas em "Dominion" autónomo. Na África do Sul há interpostos duas populações imigradas: os "boers", descendentes de holandeses e de alguns franceses protestantes, e os britânicos. Além disso, há a população autóctone, negros diversos, e os imigrantes índios. Entre britânicos e "boers", a recordação das lutas violentas, e por vezes bárbaras, é ainda muito viva. Por isso, há um partido "boer", o partido republicano nacionalista, que defende a política da secessão. Mas do lado britânico são também numerosos os "boers". Representam mesmo um papel de primeiro plano. O general Botha, que foi primeiro ministro no decurso da guerra, e Smuts, que é agora, são "boers". Entendem que a sua participação no Império lhes é mais vantajosa que útil.

São portanto adversários da secessão. Os dois partidos são anti-britânicos, fazem causa comum, ao tratar-se das relações com os negros. Os "boers" nacionalistas tem até uma tendência mais pronunciada contra os negros, do que os britânicos. Os índios, como "não brancos", são também verdadeiros párias.

Durante os últimos anos, um factor novo veio perturbar o curso tradicional das coisas. Refiro-me ao trade-uniformismo, ao socialismo. As condições económicas, a indústria e o comércio obrigaram os salarizados de qualquer origem a sindicarem-se para lutarem contra a exploração capitalista. Organizou-se um partido do trabalho análogo ao da Grã-Bretanha. Para este último, os interesses económicos estão acima das questões da política e do sentimento. Por isso não é nem pró nem anti-britânico. Diligência simplesmente tornar-se uma força poderosa no "Dominion". Actualmente, forma um terceiro partido, que será o árbitro político da situação parlamentar, entre os republicanos nacionalistas de Herzog e os partidários da política de Smuts. Ao lado do partido do trabalho dos brancos formou-se uma "Native Workers Organisation" (Organização dos Trabalhadores Nativos), que só compreende salarizados negros. Mostrou já a sua força, sustentando greves que lograram aumentar os salários e diminuir a exploração dos nativos. Estas duas organizações operárias dos brancos e dos negros, pela força das coisas, não de ser levadas a caminhar de mãos dadas. E pode prever-se a época em que se tornarão senhoras do "Dominion".

Entretanto, o "Dominion" da África do Sul, constituído em 1909, goza da mesma autonomia que os "Dominions" da Austrália e do Canadá. E é assim, porque o chefe do governo britânico era nessa época Campbell Bannerman, homem honesto, quero dizer, um homem que procura fazer concordar os seus actos com as suas palavras. Em política, a honestidade é génio. A astúcia e a habilidade provocam sempre mais danos do que benefícios, ao contrário do que julgam os pequenos políticos de vistas curtas chegadas ao apogeu, graças à flexibilidade, ao servilismo do seu carácter, junto à sua inteligência medíocre. A África do Sul é, pois, uma verdadeira república autónoma, federada com outras repúblicas e um reino, para formar o Império. A influência dos governantes britânicos do Reino Unido sobre este "Dominion", quase não existe. Portanto, este "Dominion" não tem, na realidade, interesse algum na secessão. É e é improvável que faça a secessão, mesmo que os republicanos nacionalistas vão ao poder.

17 de Fevereiro de 1921.

Augustin Hamon.

NÃO APOIABO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Aproximou-se a morte daquele homem, a procurar arrebatá-lo numa deradela tentativa. E ele, já desaparecido de forças, não pôde oferecer dessa feita a mesma resistência que tantas outras vezes demonstrara. Debatu-se no leito, desesperado. Procurou em si energias que o salvassem. Não as achou. Teve nesse instante a percepção cruel de que as garras terríficas da morte o empolgavam. Aquiloteu-se e pensou: Sentiu que a pouco e pouco a luz ia fugindo, entristecendo, perdendo intensidade a seus olhos. E os móveis do quarto, as perspectivas familiares do lar desvaneciam-se, cada vez mais longínquas, cada vez mais indistintas. Primeiro lhe morreu o corpo. Mas o cérebro vivia ainda a bruxolear os claros supremos. Reconstituíu num segundo toda a sua existência de perseguido, viu-se entregue à severidade implacável do acaso, do incerto, no período em que, arrastado pela sede de liberdade, fora em busca dos refulgérios da alma, pobre como Job, confiado como Jesus. Lembrou-se das suas vitórias, dos seus triunfos, dos trabalhos realizados, das etapas transpostas. E o seu rosto assumiu por um momento a expressão consolada dos homens que sabem ter desempenhado bem a sua missão na Terra. Vieram-lhe também à memória os duros tempos do cárcere, — e de pensar nas horas amargas da vida afogou-se-lhe menos triste a morte. Mas, afinal, ele passava e a humanidade permanecia. Não era dele, misérrimo despojo dum guerreiro consumido, que se devia trair. Era dos que ficavam. O frio do túmulo ia-lhe tomando os membros com pérfida lentidão. Só o coração pulsava ainda naquele organismo amortecido. Só o cérebro brilhava naquele corpo extinto. Oh, impotência! E a sua voz, já meio apagada, quasi imperceptível, no limiar do túmulo, foi arrancar à morte a energia para dizer: «Há muito ainda que fazer para a Revolução... Na Rússia... e em todo o mundo...» Estas as últimas palavras de Krapótkine.

Profeta do Revolucionário

Uma carta recente

Krapótkine e a Rússia Nova

Um anarquista holandês, De Reijger, que havia convidado Krapótkine a vir passar os seus últimos dias na Holanda, recebeu dele uma carta, transmitida por intermédio dum camarada sueco e publicada na de Vrije Socialist, o jornal fundado por Domela Nieuwenhuis. Segue a tradução dessa carta, que dá esclarecimentos interessantes sobre a situação e sobre as ideias de Krapótkine no fim da sua vida:

Moscú — Dimitroff, 23 de Dezembro de 1920.

Prezado camarada De Reijger:

Recebi os seus cordiais agradecimentos pela sua amável carta do mês passado, que finalmente me chegou às mãos. Minha mulher, minha filha e em todos três ficamos profundamente sensibilizados com a sua carta e com o seu convite. Mas, como talvez já saiba pela carta que enviei aos camaradas do Sindicalista de Berlim, a nossa situação é agora melhor que no ano passado. Temos o necessário para viver, o que já é muito, pois nem em toda a Europa assim acontece.

Agradeço reconhecidamente o seu convite e se um dia puder ir de novo à Europa ocidental farei o possível por visitá-lo em Harlem.

A revolução social tomou na Rússia, infelizmente, um carácter centralista e autoritário, mas ela mostra a possibilidade da passagem duma sociedade capitalista para uma sociedade socialista. E este pensamento encorajará indubitavelmente os socialistas da Europa ocidental nos seus esforços para a reconstrução da sociedade sobre a base da igualdade anticapitalista. Ao mesmo tempo, as falhas centralistas da revolução comunista russa ajudarão por certo os trabalhadores dos outros países a evitar erros desse género.

Saudações fraternais.

Peidro Krapótkine.

P. S. — Habitamos uma pequena vila a 60 quilómetros ao norte de Moscú e temos uma pequena horta que minha mulher cultiva. Infelizmente, eu já não estou em estado de fazer trabalho corporal, e portanto minha mulher que trata de quase todos os legumes de que temos necessidade no nosso trabalho actual tem de ir buscar a horta sobre Bruck, fundada numa base naturalista. Pode escrever-me em holandês; eu compreendo muito bem essa língua, embora a não escreva.

A GREVE DOS TRABALHADORES DOS JORNAIS

Aquilo é solidariedade?

O governo, presidido pelo sr. Bernardino Machado, é tam bom como os antecessores e como os que virão depois.

As asneiras do sr. Liberato Pinto continuam a ser sr. Bernardino e provavelmente as do sr. Bernardino encontrarão continuadores até um dia...

O que convém frisar é o facto de tipógrafos militares se encontrarem ao serviço de empresas particulares e algumas dessas empresas serem inimigas do presente regime.

Esta circunstância, que à primeira vista parece contraditória, é, no fundo, absolutamente lógica e serve para tirar ilusões àqueles que ainda se tinham a ideia dos regimes republicanos. Vê-se, pois, que para guerrear os interesses dos trabalhadores os pseudo-democráticos se desmascaram, dando as mãos a reaccionários. A liberdade popular, os interesses dos trabalhadores são lérias para os republicanos, porquanto a república não passa de um isco embelezado por algumas palavras lindas — liberdade, igualdade e fraternidade — que se seguem os incantos. Nanja a nós, que os conhecemos bem...

Perante a resistência dos trabalhadores dos jornais, cuja greve, por mais que as empresas o neguem, lhes desorganizou completamente os serviços, tomaram agora uma resolução: sacrificar um outro jornal — A Opinião — para, com os tipógrafos que neste diário se encontravam, reforçarem os outros jornais, que a viva força pretendem lutar contra a larga publicidade da imprensa de Lisboa.

Regista-se ao mesmo tempo esta solidariedade estranha: tentam prejudicar, e prejudicam, não os grandes jornais, mas os mais pequenos, os que mais depressa necessitam publicar-se.

O Sêculo e O Diário de Notícias procuram salvaguardar primeiramente os seus interesses, e, quanto aos outros, que... se arrancam. Quem não deve estar muito contente com a grande ideia são os jornais mais pequenos, que vão vendo os seus leitores a fugir, apunha a desaparecer e a existência ameaçada.

Não sabemos como eles ainda se entendem com aquela solidariedade, ou antes, sabemos muito bem...

Um aviso aos tipógrafos da província

A Federação do Livro e do Jornal, sabendo que as empresas jornalísticas, no intuito de conseguirem tipógrafos para os seus jornais, se tem dirigido a várias entidades da província, pedindo-lhes com o máximo empenho que lhes arranquem operários compositores a fim de trabalharem em jornais alheios à greve, ludibriando assim a sua hostilidade as mesmas entidades e os tipógrafos da província, recomenda aos organismos gráficos de todo o país e, na falta destes, a quaisquer agrupamentos operários ou ainda, onde estes não existam, aos trabalhadores conscientes de qualquer ramo, que evitem por todas as formas a vinda dos referidos profissionais, neste momento, para Lisboa, para que não venham trair a greve dos trabalhadores dos jornais.

E quando os elementos a quem a Federação do Livro e do Jornal por este meio se dirige não possam evitar a marcha de tipógrafos para Lisboa, pedindo-lhes que imediatamente a informem para a respectiva sede, travessa da Agua da Flor, 55, ou para a redacção deste jornal, a fim de poder tomar as providências necessárias.

A QUESTÃO AGRAVA-SE

O conflito do Convento das Bernardas, cujas terríveis consequências a Batalha, devido à sua latente energia, conseguiu evitar, veio ampliar a questão do inquilinato. Esta questão interessa a quasi toda a gente, não unicamente no respeitante ao exagrar a que as rendas chegaram, mas igualmente no que se refere às condições anti-higiénicas do viver dos pobres.

É possível que tivesse causado certa estranheza àqueles que não conhecem de perto os nossos ideais, o facto de nós, depois de termos examinado minuciosamente a bodega, a miséria e a corrupção que dentro do pardiêiro da rua da Esperança se encontram, tivéssemos empregado todos os nossos esforços para que ali ficassem por mais tempo essa bodega, essa miséria e corrupção. A nossa atitude explica-se facilmente: se não se conservassem no Convento essas setecentas pessoas pobres, se o intuito do senhorio fosse avançar, seriam setecentas pessoas que viriam, como tantas outras, habitar em plena rua, sujeitas a todas as influências do ambiente criminoso da vadiagem, sem um abrigo sequer. O Convento das Bernardas, perante uma tal catástrofe, é ainda um abrigo, é ainda entre a extrema miséria qualquer coisa de superior.

Entendemos que os habitantes do Convento devem permanecer naquela crápula, naquela promiscuidade perigosa e nenhum remorso nos pesa na consciência porque não fomos nós que criamos as circunstâncias que nos obrigam a proceder assim, foram os governantes que tem descurado tal momento. Se nós vissemos possibilidade de instalar imediatamente os moradores do antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição em casas amplas e higiénicas, seríamos os primeiros a exigir-lhe formalmente. Não seriam nós, o senhorio ganancioso, com a ajuda da guarda-republicana e por um punhado de operários incoerentes para fazer sair daquela miséria, os que nela habitam porque não tem outro alojamento. Eles próprios seriam os primeiros a abandonar aquele inferno, nós indicaríamos a quem, quais seriam os pobres e para pobres, quais seriam as casas mais higiénicas e confortáveis que lhes convinhão.

Estes casos lamentáveis dão-se porque o Estado, a quem compete cuidar do desengonçamento da cidade, não tomou uma única resolução sobre o assunto, antes o tem agravado com o aumento constante do exército e do burho, que atrai à cidade, e milhares de provincianos necessários à agricultura.

A resolução da questão do inquilinato não está nas leis que se fabricam facilmente em qualquer gabinete ministerial. As leis que se tem criado para regulamentar o que é quasi irremediável, são apenas males consequência dum

O festival de A BATALHA

Deve ser uma festa sobremaneira agradável a que vai realizar-se no teatro do Ginásio na noite de 18 do corrente mês, festa promovida por um grupo de dedicados amigos de A Batalha, que levando a efeito semelhante espectáculo pretendem realizar um acto simultaneamente útil e agradável: auxiliar este jornal com o produto líquido da festa e dar ensejo a que algumas centenas de trabalhadores do cérebro e do braço tenham algumas horas de prazer intelectual.

A peça que a companhia Alves da Cunha leva à scena é, como temos dito, uma das melhores do seu repertório, peça onde não há exclusivamente arte, mas também ideias, dessas ideias que fazem com que o espectador saia do teatro com salutares preocupações de espírito.

Além dessa peça, teremos ocasião de ouvir pela primeira vez em Lisboa, como conferenciante, que o é assás distinto, o conhecido artista português Cristiano de Carvalho, velho propagandista libertário, que desenvolverá um tema deveras interessante. Sobre estes dois números, o actor Joaquim de Oliveira, da companhia do Ginásio, recitará uma admirável poesia que Manuel Ribeiro, o actor consagrado do Sentido de Viver, Catedral e Linha de fogo, expressamente escreveu para esta festa.

Em face deste programa, deveras atractivo, como o leitor verifica, não admira que a casa esteja quasi toda passada, visto que apenas restam alguns, poucos, bilhetes de platesa.

Na Espanha reaccionária

Maura sucederá a Dato

MADRID, 12. — O sr. Maura chegou ao palácio a uma hora da tarde, chamado pelo rei, demorando-se até às seis. — Rádio.

Romanones e Cambó tomam parte no governo

MADRID, 12. — Informam que cooperarão no governo os srs. Romanones e Cambó, afirmando-se que o governo ficará hoje constituído. — Rádio.

Bugallal fica e muitos datistas não saíam

MADRID, 12. — Diz-se que no ministério Maura terão participação numerosos datistas, continuando o sr. Bugallal com a pasta do Interior. — Rádio.

Encontra-se uma motocicleta vazia...

MADRID, 12. — A benemérita motocicleta ontem abandonada uma motocicleta. — Rádio.

Protestos e polícias que conhecem sindicalistas

BARCELONA, 12. — Realizou-se a inauguração da Conferência dos Transportes, presidido o sr. Hannotaux, ex-ministro francês.

Foram pronunciados vários discursos enaltecendo os dotes que ornavam o sr. Dato, lavrando-se um voto de sentimento pelo cobarde assassinato do illustre presidente do conselho, encerrando-se a sessão em sinal de protesto.

A segunda sessão da conferência foi presidida pelo embaixador da Espanha em Paris, sr. Quinhones de Leon, que propôs enviar um telegrama ao rei, oferecendo enviar a Madrid vários polícias que conhecem sindicalistas. — Rádio.

Anti-Alcoolismo

A conferência de Lion de Castro no Núcleo da Juventude Sindicalista de Belem, teve uma enorme assistência em virtude da distribuição de convites que a activa comissão organizadora da Associação Anti-Alcoolica Operária mandara imprimir.

Na próxima quinta-feira, 17, começam as sessões regulares de propaganda na sede, e na terça-feira, 22, realizar-se-á uma conferência dedicada às Juventudes Sindicalistas.

Estão em distribuição os boletins de inscricão.

Exposição de pintura

Inaugura-se depois de amanhã, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição dos trabalhos do pintor Constantino Fernandes, falecido há pouco tempo e considerado um dos primeiros artistas contemporâneos.

É de extrema necessidade esta exposição, porquanto, refinando assim o maior número de trabalhos do mesmo autor, melhor o público poderá apreciar a evolução dum espírito e o valor real do artista.

Oxalá a Sociedade Nacional de Belas Artes procure repetir com outros pintores, que o público ama e mal pode apreciar, em consequência das suas obras se encontrarem espalhadas nos salões por que mãos, o que com o pintor Constantino Fernandes vai realizar.

CONFERENCIAS

A recente palestra do sr. Câmara Reis

Na Associação dos Caixeiros realizou o dr. sr. Câmara Reis a 2.ª palestra sobre *Questões morais e sociais na literatura*, promovida pela Universidade Popular Portuguesa, tratando em especial de Balzac. Fez notar como uma curta-hora é insuficiente para traçar, mesmo nas suas linhas gerais, uma figura estupefcente como a do maravilhoso romancista.

Esboçou a sua vida, o seu temperamento, a sua poderosa figura, um pouco vulgar, que os olhos espiritualizavam com uma espécie de irresistível fascinação.

Marcando o seu papel na literatura francesa e universal do século XIX, mostrou como nos seus romances há a observação e a imaginação, o romantismo e o realismo, todos os géneros, o romance histórico contemporâneo, fantástico, filosófico, místico, a curiosidade de um erudito, o sublime, o trivial, as lágrimas do drama, o riso sarcástico, uma observação tam intensa das almas, dos cenários, das paixões miteríveis, que Balzac, na sua frase célebre, fez concorrência à sociedade civil, criou um mundo mais belo e mais intenso que o mundo em que vivemos. Foi o historiador do seu tempo, — historiador da rua, do forum, dos salões, dos boulevards e das alcovas.

Vai além de Tácito e escreve à maneira de Suetónio, como disse Hugo. As suas criações são tam reais que dois balzacianos devotos escreveram um grosso volume de biografias dos seus personagens com o minucioso escrupulo de algum que, na primeira metade do século XIX, resumisse os aspectos da sua época, desde a existência rutilante de Napoleão até à vida apagada, humilde de uma criada de servir.

O dr. sr. Câmara Reis fez trechos do prefácio da *Comédia Humana* de Eugénie Grandet e do *Tio Goriot*. E acentuou em toda a literatura moderna a influência do extraordinário romancista se fez sentir, de Flaubert a Bourget, de Tourgenie a Tolstói, em Dickens, em Camilo, em Eça de Queiroz, — sendo assim Balzac o tronco magnífico de que brotaram dezenas de bragadas, centenas de ramos, milhares de rumorosas folhas, e em que palpitem os encantos mais delicados e os mais grandiosos do romance, da novela e do conto moderno.

Em Viana-do-Castelo

VIANA-DO-CASTELO, 9. — A terceira conferência anunciada pelo Centro Comunista local não pôde efectuar-se na sua sede, em virtude da bitariedade a que A Batalha se tem referido, tendo-se realizado, no íso, na Associação de Classe dos Manufacturadores de Calçado, no passado domingo, 6 do corrente, sendo conferente o

Ainda o 2.º aniversário de "A Batalha"

Não cessaram as manifestações de júbilo da parte dos amigos de A Batalha, pela passagem do 2.º aniversário do nosso jornal.

O que diz a imprensa

O diário *Espana Nueva*, de Madrid, ao ter noticia da passagem do segundo aniversário de A Batalha, escreve:

O nosso querido colega de Lisboa, A Batalha, órgão oficial do sindicalismo português, está recebendo numerosas felicitações motivadas pelo segundo aniversário da sua publicação.

Sa saudações dos sindicatos lusitanos e da imprensa da Espanha de todo o mundo. Os amigos dos companheiros de A Batalha o elástico aperto de mão que a redacção da *Espana Nueva* lhes envia.

Brindamos com fervor pela prosperidade do grande diário lusitano, e fazemos votos por que o proveitoso trabalho que no país vizinho leva a cabo se dilate e amplifique.

Somos leitores assíduos de A Batalha e sabemos o prestígio e a autoridade que entre os trabalhadores portugueses conquistou. Aqui, em Espanha, também conhecemos os seus operários organizados e dos homens conscientes.

A prosa de Perfeito de Carvalho fez as delicias dos leitores de todo o mundo. Os artigos de Alfredo Domingues, de Antero de Lima, de M. J. Sousa, de Alexandre Vieira, do falecido Neno Vasca, fluíram e confortam-nos muitas vezes.

As campanhas que sempre a favor dos oprimidos, o órgão da Confederação Geral do Trabalho de Portugal tem realizado, enchendo-nos de admiração e de gratidão. O apoio que prestou ao pessoal dos Correios e Telegrafos, o que está dando agora aos trabalhadores da imprensa de Lisboa e aos sindicalistas espanhóis, jamais será por nós esquecido.

Recebim, pois, os camaradas de A Batalha, a nossa fraternal saudação, que vem do nosso coração e da nossa fé.

O nosso colega O Ferrovieiro expressa-se assim no seu último número:

No dia 25 de fevereiro findo fez dois anos que um grupo de imeneros trabalhadores conseguiu levar a efeito a publicação do primeiro número de A Batalha. Os artigos que os companheiros de A Batalha escrevem são de uma importância que não podem ser esquecidos. Grande tarefa a que os seus colaboradores se dedicam com o mais perfeito desinteresse.

Profeta do Revolucionário

Uma carta recente

Krapótkine e a Rússia Nova

Um anarquista holandês, De Reijger, que havia convidado Krapótkine a vir passar os seus últimos dias na Holanda, recebeu dele uma carta, transmitida por intermédio dum camarada sueco e publicada na de Vrije Socialist, o jornal fundado por Domela Nieuwenhuis. Segue a tradução dessa carta, que dá esclarecimentos interessantes sobre a situação e sobre as ideias de Krapótkine no fim da sua vida:

Moscú — Dimitroff, 23 de Dezembro de 1920.

Prezado camarada De Reijger:

Recebi os seus cordiais agradecimentos pela sua amável carta do mês passado, que finalmente me chegou às mãos. Minha mulher, minha filha e em todos três ficamos profundamente sensibilizados com a sua carta e com o seu convite. Mas, como talvez já saiba pela carta que enviei aos camaradas do Sindicalista de Berlim, a nossa situação é agora melhor que no ano passado. Temos o necessário para viver, o que já é muito, pois nem em toda a Europa assim acontece.

Agradeço reconhecidamente o seu convite e se um dia puder ir de novo à Europa ocidental farei o possível por visitá-lo em Harlem.

A revolução social tomou na Rússia, infelizmente, um carácter centralista e autoritário, mas ela mostra a possibilidade da passagem duma sociedade capitalista para uma sociedade socialista. E este pensamento encorajará indubitavelmente os socialistas da Europa ocidental nos seus esforços para a reconstrução da sociedade sobre a base da igualdade anticapitalista. Ao mesmo tempo, as falhas centralistas da revolução comunista russa ajudarão por certo os trabalhadores dos outros países a evitar erros desse género.

Saudações fraternais.

Peidro Krapótkine.

P. S. — Habitamos uma pequena vila a 60 quilómetros ao norte de Moscú e temos uma pequena horta que minha mulher cultiva. Infelizmente, eu já não estou em estado de fazer trabalho corporal, e portanto minha mulher que trata de quase todos os legumes de que temos necessidade no nosso trabalho actual tem de ir buscar a horta sobre Bruck, fundada numa base naturalista. Pode escrever-me em holandês; eu compreendo muito bem essa língua, embora a não escreva.

Cidade com os senhores!

Obrigam-nos a acatar, como perfeitos, leis deficientes... como todas as leis

No Beco da Botica, 9, à Estrada de Bemfica, mora Joaquim Reino, operário pobre, como todos os operários, na companhia de sua mulher, uma pobre aljebrinha e de três filhos menores.

Também ao desgraçado chegou o ódio dos senhores. O senhorio é o sr. conde de Bomfim, mas nada que se parecesse com bom fim tinham os métodos de que usou para tentar lançar a rua o operário, a companheira e três filhos, o que ainda não conseguiu, todavia.

Usou a velha tática: recusou-se a receber a renda da casa, exigindo a saída do inquilino. Era para alugar a casa a outrem? Não, porquanto declarou que a casa não seria alugada a mais ninguém. Mas — o diabo as tece — viemos a saber que o sr. conde não se importava de ceder a outra pessoa a referida casa, por oito escudos mensais. Convém notar que Joaquim Reino está pagando actualmente a quantia de 325. Enfim, os oito escudos já lhe serviam.

Como se vê, os senhores não desistiram das suas infâmias, e até os condes se distinguem nestes feitos heróicos.

O inquilino, coitado, também não possui arrendamento e a lei que permite a sua expulsão por não ter esse documento, não lhe proporciona casa para se alojar.

Veja-se, mais uma vez, como as leis são bem feitas, essas leis que o Estado nos obriga a acatar como infalíveis!

camarada António da Costa Carvalho, do Pórtio.

António Vidal apresentou o orador, explicando os motivos que levaram o Centro a apelar para aquele sindicato, salientando o seu bom acolhimento, provando assim o grau de consciência que possui a classe dos manufacturadores de calçado.

Costa Carvalho, dando início à sua conferência, descreveu o homem primitivo e a sua rude luta pela existência, o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento através dos séculos. Salientou a fase em que o homem se separou do homem, o mais forte subjugando o mais fraco, o inteligente sobrepondo-se ao ignorante, alongando-se em considerações sobre esse aspecto. Compreenderam mais tarde as classes liberais que se encontravam machucadas, forçadas a alijar-se para viverem, desculpando baixezas, crimes e podridões, porque eram impotentes ante a vontade dos senhores do Capital.

Enquanto delas exigiam o saber para a orientação da mentira e do embuste, as manuais privavam-nas de luz, do pão e da liberdade, sendo, pois, duas classes escravizadas: uma porque aliava o cérebro, a outra o braço. Porém, eis-nos chegados ao período da maturação, das reflexões históricas, do saber aplicado. O cérebro e o braço aproximam-se, juntam-se, fundem-se. O trabalhador intelectual vê que o manual forma uma avalanche impulsionada por um objectivo ideal para uma transformação remodeladora.

Falou o camarada Costa Carvalho durante hora e meia, prendendo a assistência com os seus ensinamentos, tendo sido a sua conferência por todos os títulos interessante, agradando em absoluto.

NA RÚSSIA

A burguesia confessa não compreender o objectivo da Insurreicão

PARIS, 12. — Informam de Cronstadt que continua de forma eficaz o bombardeamento de Petrogrado, dizendo-se que esse bombardeamento teria cortado a linha férrea entre Petrogrado e a fronteira finlandesa.

Os bolchevistas lançaram contra Cronstadt, um terceiro ataque de infantaria, que foi repellido.

O Tempus constata que as notícias sobre o movimento anti-bolchevista continuam sendo contraditórias e confusas; todavia, do conjunto das informações desprende-se que a revolta alastra por toda a Rússia soviética. A luta armada parece particularmente desencadeada nos arredores de Petrogrado e na própria cidade, se bem que o governo soviético esteja de posse do governo nas duas capitais.

Por outro lado, o forte de Kransia Gorka caiu em poder dos anti-bolchevistas que resistem com êxito em Cronstadt. — Rádio.

